

AS DISCUSSÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UM PANORAMA ENTRE OS ANOS DE 2017 E 2023

Patrick Anderson Martins Magalhães ¹
Maria Eleni Henrique da Silva ²

RESUMO

As discussões sobre Gênero e Sexualidade na escola estão em um processo crescente de evidência, e assim, se tornando cada vez mais importante o trato com tais questões em sala. Esta temática, na maioria das vezes, é tratada como um tabu ou como algo errado de ser ensinado na escola, e vem sendo atacada de diversas formas por meio de correntes ideológicas conservadoras; por exemplo, através de documentos oficiais, como no caso da Base Nacional Comum Curricular, na qual as discussões de gênero e sexualidade foram quase totalmente retiradas do texto final. A Educação Física, em sua história, teve aspectos relacionados com as questões de Gênero e Sexualidade, como suas aulas separadas por gênero, em que tinham práticas corporais ministradas somente para os meninos e outras só para as meninas. Portanto, vemos uma proximidade de tal tema com a Educação Física, pois entendemos que movimentamos o corpo e é nele que os questionamentos sobre Gênero e Sexualidade emergem. Este trabalho tem como objetivo apresentar um panorama de estudos publicados entre os anos de 2017 e 2023 sobre a temática de Gênero e Sexualidade nas aulas de Educação Física. Para tal, foi realizada uma pesquisa em na base de dados Periódicos Capes com os seguintes descritores: Gênero, Sexualidade e Educação Física Escolar. Foram selecionados somente artigos publicados em português, sendo revisados por pares no período entre 2017 e 2023. Foram encontrados oito estudos com diferentes temáticas, demonstrando o quão amplo é o campo de estudos das discussões de gênero e sexualidade nas aulas de Educação Física.

Palavras-chave: Gênero, Sexualidade, Educação Física, Escola, Práticas Corporais.

INTRODUÇÃO

As discussões de gênero e sexualidade tiveram um crescimento durante a década de 60, mais especificamente, no ano de 1968 com os movimentos feminista, homossexual e lésbico, tendo suas pautas baseadas nas teorias pós-estruturalistas ao discutir, primeiramente, o gênero como algo construído socialmente, assim como a sexualidade (Louro, 2014; Butler, 2021). Segundo Nadia Novena (2010), da década de 30 até o início da década de 1980, houve no Brasil uma política de silenciamento destas discussões dentro dos dispositivos institucionais, que se

¹ Mestrando do Curso de Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará - UFC, patrickanderson1144@gmail.com;

² Professora orientadora: Doutora em Educação Brasileira, Faculdade de Educação - Universidade Federal do Ceará - UFC, melenih@gmail.com.

rompeu em 1996 com a construção e, posteriormente, publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de Temas Transversais de “Orientação Sexual”.

Durante o período dessa política de silenciamento, houve tentativas isoladas de implantação e inserção da Educação Sexual na escola, que não obtiveram sucesso e com isso, essa temática foi orientada pelo e através do silêncio (Novena, 2010). Indo de encontro ao que Michel Foucault (1999) cita, que nunca foi uma questão de proibir o sexo ou falar sobre ele, mas de regular, padronizar e normalizar a forma como ele é pensado ou discutido; e neste caso é realizado pelo silêncio produzido pelas instituições.

O PCN de Temas Transversais de Orientação Sexual veio com o objetivo de “promover reflexões e discussões de técnicos, professores, equipes pedagógicas, bem como de pais e responsáveis, com a finalidade de sistematizar a ação pedagógica da escola no trato de questões da sexualidade” (Brasil, 1998, p. 287). As discussões trazidas por este documento giram em torno da prevenção das Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) e da gravidez indesejada, mas trazendo à tona a sexualidade de forma ampla, não só biológica.

Com a publicação deste PCN, as escolas puderam ter subsídios para colocar as questões de gênero e sexualidade em seus projetos pedagógicos e, para além disso, os professores e as professoras puderam ter minimamente um documento que os guiassem e os auxiliassem nas discussões dessa temática em sala de aula.

Em 2018, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) foi publicada com o objetivo de normatizar o conjunto de aprendizagens essenciais que todos e todas estudantes devem desenvolver durante a Educação Básica (BRASIL, 2018). Nela podemos ver um retrocesso acerca das discussões de gênero e sexualidade, pois o primeiro não é citado no texto e o segundo somente é tratado a partir da visão biologicista dentro da área das Ciências da Natureza.

No Ceará, em 2019, foi homologado o Documento Curricular Referencial do Ceará (DCRC). Este documento foi estruturado e escrito baseado na BNCC, mas com aspectos importantes voltados para a cultura e história local, valorizando uma identidade cearense forte (Ceará, 2019).

O DCRC, vem com uma proposta parecida com os Temas Transversais dos PCNs ao trazer na Parte III do mesmo os “Temas Integradores: Abordagem Transversal”, e dentro destes temas está o de “Relações de Gênero”, que fala sobre conceitos importantes para o tratamento das relações de gênero na escola, e principalmente acerca das tensões causadas pelas transgressões de tais relações, focando nas diversas dimensões e não só na biológica, apresentando possibilidades para o trabalho nas disciplinas escolares.

Como podemos ver, as questões de gênero e sexualidade nos documentos oficiais passaram por altos e baixos. Os Parâmetros Curriculares Nacionais foram um dos grandes marcos para o início dessas discussões dentro do ambiente escolar, enquanto na Base Nacional Comum Curricular tivemos um retrocesso muito grande ao tirar tais questões dos âmbitos socioculturais e ficando somente na vertente biológica. Já em nível local, o Documento Curricular Referencial do Ceará, mescla as estruturas dos dois documentos anteriores e trouxe discussões amplas acerca das questões de gênero e sexualidade no contexto escolar.

Mesmo com esses documentos, existem outros aspectos que podem influenciar os e as docentes a agir durante as situações e discussões de gênero e sexualidade em suas aulas. Por exemplo, a falta de disciplinas acerca dessas temáticas durante a sua formação inicial pode fazer com que eles e elas escolham silenciar ou omitir pedagogicamente tais discussões com base no seu pouco conhecimento com o assunto. Entretanto, ao mesmo tempo, tais docentes podem escolher enfrentar pedagogicamente tais situações e colocar os e as estudantes para (re)pensar as questões de gênero e sexualidade e, assim, formar discentes mais críticos e conscientes (Novena, 2010; Nicolino; Paraíso, 2018).

Desde antes de nascermos, estamos rodeados de gênero. Por exemplo, os “chás revelação” revelam o sexo da criança trazendo cores pré-determinadas como o azul para os meninos e o rosa para as meninas, que por sua vez “impõem” uma série de comportamentos, gostos esperados e atividades físicas às quais a criança provavelmente será submetida a partir do seu nascimento (Louro, 2000; Goellner, 2010). Diz-se aos meninos que sejam fortes, viris, não chorem, não demonstrem emoções, que brinquem com carros, joguem futebol ou brinquem; e às meninas que sejam esbeltas, sentimentais, maternais, que brinquem de boneca, cuidem da casa, pratiquem balé, dança ou ginástica (Goellner, 2003; 2010).

A Educação Física refere-se a práticas corporais, sejam elas os esportes, a dança, as ginásticas, as lutas, as brincadeiras ou os jogos, e ao longo de sua história, essas atividades estiveram associadas ao gênero e, conseqüentemente, à sexualidade (Campos, 2009). Houve um período em que os currículos de Educação Física no Ensino Superior eram genericados; portanto, havia um para os homens e outro para as mulheres com algumas práticas determinadas especificamente para cada gênero, e isso acabava influenciando o currículo escolar também (Campos, 2009; Goellner, 2010).

Alguns meninos e algumas meninas podem acabar transgredindo as relações de gênero e sexualidade nas aulas de Educação Física. Por exemplo, se um menino quiser dançar este é chamado de “gay”, “viadinho”, pois geralmente esta prática corporal é associada às meninas; o mesmo pode acontecer com uma menina que queira lutar, ela é chamada de “sapatão” ou

“mulher-macho”, porque as lutas são associadas aos meninos. Portanto, estes e estas que ultrapassam os limites da norma de gênero e sexualidade acabam por serem estigmatizados, marginalizados e excluídos de diversos momentos sociais (Goffman, 1988; Sousa; Altmann, 1999).

Além disso, as questões de gênero e sexualidade despertam frequentemente grande interesse e curiosidade nas crianças e adolescentes. Portanto, aliar essas questões às práticas corporais nas aulas de educação física pode ser uma forma de iniciar, ampliar ou aprofundar discussões sobre gênero e sexualidade.

Sendo assim, o objetivo deste estudo é apresentar um panorama de estudos publicados entre os anos de 2017 e 2023 sobre a temática de Gênero e Sexualidade nas aulas de Educação Física. E se justifica pelo fato de a escola e, conseqüentemente, a Educação Física serem consideradas um dos espaços que podem reforçar e/ou criar estereótipos e estigmas relacionados às questões de gênero e sexualidade.

METODOLOGIA

Este artigo tem uma abordagem qualitativa, na qual pretende verificar a relação da realidade com o objeto de estudo, obtendo várias interpretações por parte do pesquisador (Dalfovo; Lana; Silveira, 2008). E é do tipo exploratório, segundo Severino (2007), é aquela que busca informações sobre um determinado objeto de estudo, delimitando assim, um campo de trabalho. E descritivo, já que tem como objetivo observar e descrever as características de um determinado fenômeno de um grupo social (Fontelles et al., 2009).

Foi realizada uma pesquisa na base de dados Periódicos Capes, com os seguintes descritores: Gênero; Sexualidade e Educação Física Escolar. E como critérios de inclusão: artigos revisados por pares em português publicados entre os anos de 2017 e 2023.

Após a pesquisa na Periódicos Capes, houve a seleção dos artigos a partir de uma primeira leitura dos resumos, e posteriormente uma leitura completa e aprofundada dos artigos para análise do panorama.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante a pesquisa dos descritores citados anteriormente na Periódicos Capes foram encontrados um total de 24 artigos. Após a leitura dos títulos e dos resumos foram selecionados oito trabalhos:

Quadro 01: Artigos selecionados

Título	Autores	Ano	Revista/Periódico
Educação Física Escolar: os impactos sociais na vida de pessoas transexuais em Belém do Pará	Barroso, Cardoso e Mesquita	2018	Inter-ação
Percepções sobre as relações de gênero em escolas de Moçambique: discurso e prática	Bive e Pessula	2018	Motricidades
“Coisa de menino, coisa de menina” - O papel da Educação Física na compreensão das relações de gênero como base para uma educação inclusiva	Carballo et al.	2018	Revista Relações Sociais
Performatizações <i>Queer</i> na Educação Física Escolar	Garcia e Brito	2018	Movimento
A inserção de homens professores de Educação Física na Educação Infantil: entre o medo das sexualidades desviantes e a (re)produção de um currículo heteronormativo	Silva e Ávila	2018	Pensar a Prática
O(s) corpo(s) na escola: da educação tecnicista a uma prática educativa emancipadora	Garcia, Brandão e Alves	2021	Educação em Foco
Bullying Homofóbico: À Ótica das Práticas Pedagógicas na Educação Física Escolar	Santos e Silveira	2021	Cadernos de Gênero e Sexualidade
Implicações do novo pacto social nas questões de gênero e sexualidade nas aulas de Educação Física: análises a partir da Base Nacional Comum Curricular e do discurso de representantes políticas	Santos, Francisco e Souza	2023	Revista Educação

Fonte: elaborado pelos autores.

Com o Quadro 01 podemos verificar que dos oito trabalhos, cinco deles foram publicados em 2018, três em 2021 e um trabalho em 2023. Podemos ver que na Periódicos Capes não foram encontrados artigos nos anos de 2019, 2020 e 2022, entretanto, isto não quer dizer que não foram publicadas pesquisas sobre a temática.

Um fato interessante constatado após a leitura dos artigos é a diversidade de temáticas e temas trabalhados sobre gênero e sexualidade na Educação Física Escolar, como:

- Vivência de pessoas Trans na Educação Física;
- Percepções de professores sobre as relações de Gênero e Sexualidade em suas aulas;
- Quanto os alunos são influenciados pelos comportamentos sociais de gênero;
- Como se constituem as relações de Gênero e Sexualidade nas aulas de EF;
- As relações de Gênero na inserção de professores homens na Educação Infantil;
- Um olhar sobre os corpos nas escolas a partir da Educação Tecnista;
- Atuação de professores frente à situações de bullying homofóbico;
- Impacto da retirada dessas temáticas na BNCC.

Isso demonstra a importância da Educação Física como espaço de discussão dessa temática, sendo esta disciplina ser acolhedora de diversas vivências escolares de LGBTQIAPN+³ (Barroso; Cardoso; Mesquita, 2018; Garcia; Brito, 2018; Santos; Silveira, 2021; Santos; Francisco; Souza, 2023). A comunidade escolar pode e deve tomar consciência do seu papel nas lutas e discussões acerca das questões de gênero e sexualidade, observando e dando voz para a vivência das pessoas que sentem elas na pele e no seu corpo (Oliveira Duarte; Castro; Nascimento, 2021).

É interessante perceber o quanto a cultura e a sociedade influenciam os comportamentos para cada gênero e sexualidade dentro da escola e, mais especificamente, na quadra (Bive; Pessula, 2018; Carballo et al., 2018; Silva; Ávila, 2018; Garcia; Brandão; Alves, 2021). Corroborando com Souza e Altmann (1999) ao explicar que as expectativas sociais ditam as regras e padrões de gênero e sexualidade na escola, ao passo que aqueles e aquelas que transgridem estes padrões são marginalizados e estigmatizados, sendo excluídos e muitas vezes acabam por se evadir das aulas.

A Educação Física como uma das disciplinas que trabalham com o corpo, acaba por ter um holofote grande sobre as questões de gênero e sexualidade na escola, pois a quadra pode vir a ser um “ringue de luta”. Os e as docentes não podem fazer vista grossa e ao ver qualquer resquício de tensionamento das relações de gênero e sexualidade, precisam discutir e questionar junto aos e às estudantes tais problemáticas, ainda mais com a retirada dessas temáticas dos textos da Base Nacional Comum Curricular (Louro, 2000; Goellner, 2010; Santos; Francisco; Souza, 2023).

Inclusive, o Corfebol é apresentado como uma prática corporal emancipatória, quebrando a lógica sexista que vigora dentro do contexto escolar nas aulas de Educação Física

³ Sigla atribuída ao movimento de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transgêneros e Transexuais, *Queer*, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais, Não-Binários e outras expressões e identidades de gêneros e sexualidades que estão incluídas, mas não cabem na sigla.

(Garcia; Brandão; Alves, 2021). O Corfebol surgiu na Holanda em 1902, tendo como foco a cooperação e inclusão, sendo então um esporte misto com um regulamento que garante oportunidades igualitárias para meninas e meninos. Então este, segundo Garcia, Brandão e Alves (2021) é uma das poucas práticas em que mulheres e homens praticam juntos e em condições de igualdade, auxiliando a desconstruir as normas de gênero presentes no chão da quadra e que refletem os padrões da sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a exposição do panorama das pesquisas sobre as discussões de gênero e sexualidade nas aulas de Educação Física, percebemos que existem diferentes temáticas e caminhos a serem pesquisados. Portanto, a Educação Física se mostra realmente como um espaço propício para as discussões de Gênero e Sexualidade, no sentido de que é no corpo que tais questões ocorrem e emergem.

Para além disso, precisamos ressaltar que a comunidade escolar assuma seu papel na luta contra os preconceitos e discriminação, pois estas discussões são transversais e atravessam todas as disciplinas escolares e a escola como um todo. Entretanto, para que isso ocorra é importante uma conscientização sobre as questões de gênero e sexualidade. Indicamos, também, a necessidade de ter mais estudos acerca dessa temática para podermos aprofundar e refletir sobre as problemáticas existentes.

REFERÊNCIAS

- ALVES, T. V.; BRANDÃO, R. R.; GARCIA, J. L. O(S) Corpo(S) Na Escola: Da Educação Tecniciستا A Uma Prática Educativa Emancipadora. **Educação em Foco**, [S. l.], v. 26, n. Especial, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/edufoco/article/view/34941>. Acesso em: 12 nov. 2023.
- BARROSO, L. B.; CARDOSO, W. R. S.; MESQUITA, M. R. Educação física escolar: os impactos sociais na vida de pessoas transexuais em Belém do Pará. **Revista Inter-Ação**, Goiânia, v. 43, n. 2, p. 583–599, 2018. DOI: 10.5216/ia.v43i2.48908. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/interacao/article/view/48908>. Acesso em: 12 nov. 2023.
- BIVE, M. T.; PESSULA, P. A. Percepções sobre as relações de gênero em escolas de Moçambique: discurso e prática. **MOTRICIDADES: Revista da Sociedade de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana**, [S. l.], v. 2, n. 3, p. 201–209, 2018. DOI: 10.29181/2594-6463-2018-v2-n3-p201-209. Disponível em: <https://www.motricidades.org/journal/index.php/journal/article/view/2594-6463-2018-v2-n3-p201-209>. Acesso em: 12 nov. 2023.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: Orientação sexual.** 1998. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/pcn/orientacao.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2023.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>. Acesso em: 12 nov. 2023.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 21. ed., 2021.

CARBALLO, F. P.; FONSECA, A. P. M.; FERREIRA, P. S. S.; NETO, J. A. R. “Coisa De Menino, Coisa De Menina” – O Papel Da Educação Física Na Compreensão Das Relações De Gênero Como Base Para Uma Educação Inclusiva. **REVES - Revista Relações Sociais**, [S. l.], v. 1, n. 4, p. 0673–0689, 2018. DOI: 10.18540/revesv1iiss4pp0673-0689. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/reves/article/view/3244>. Acesso em: 12 nov. 2023.

CEARÁ. Secretaria da Educação do Estado do Ceará. **Documento Curricular Referencial do Ceará: educação infantil e ensino fundamental.** Fortaleza: SEDUC, 2019. Disponível em: https://www.seduc.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/37/2020/02/DCRC_2019_OFICIAL.pdf. Acesso em: 12 nov. 2023.

DALFOVO, M. S.; LANA, R. A.; SILVEIRA, A. Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico. **Revista Interdisciplinar Científica Aplicada**, Blumenau, v.2, n.4, p.01-13, Sem II. 2008.

FONTELLES, M. J.; SIMÕES, M. G.; FARIAS, S. H.; FONTELLES, R. G. S. Metodologia da pesquisa científica: diretrizes para a elaboração de um protocolo de pesquisa. **Revista Paraense de Medicina**, v. 23, n. 3, p. 1-8, 2009.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: a vontade de saber.** 13. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque, 1999.

GARCIA, R. M.; BRITO, L. T. de. Performatizações Queer na Educação Física Escolar. **Movimento**, [S. l.], v. 24, n. 4, p. 1321–1334, 2019. DOI: 10.22456/1982-8918.82502. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/82502>. Acesso em: 12 nov. 2023.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada** Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** 2014.

NICOLINO, A. S.; PARAÍSO, M. A. ESCOLARIZAÇÃO DA SEXUALIDADE: o silêncio como prática pedagógica da educação física. **Movimento (Esefid/Ufrgs)**, [S.L.], v. 24, n. 1, p. 93, 29 mar. 2018. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. <http://dx.doi.org/10.22456/1982-8918.72058>. Acesso em: 12 nov. 2023

NOVENA, N. P. Sexualidade e dispositivos institucionais: a história da educação sexual no Brasil e em Pernambuco. In: ARAÚJO, B.; MEDEIROS, L. V.; NOVENA, N. P. (Org.). **Sexualidade e Gênero: construções na diversidade cultural e nas práticas educativas**. Recife: Libertas, 2010, p. 21-44.

OLIVEIRA DUARTE, G.; CASTRO, F. B.; NASCIMENTO, T. B. Gênero, sexualidade e formação em Educação Física: percepções de professores e alunos em um projeto na escola. **Educación Física y Ciencia**, v. 23, n. 1, p. 1-11, 2021. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/4399/439966635013/439966635013.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2023

SANTOS, D. L. C. dos; FRANCISCO, M. V.; SOUZA, T. G. de. Implicações do novo pacto social nas questões de gênero e sexualidade nas aulas de Educação Física: análises a partir da Base Nacional Comum Curricular e do discurso de representantes políticas. **Educação**, [S. l.], v. 48, n. 1, p. e50/1–24, 2023. DOI: 10.5902/1984644465862. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/65862>. Acesso em: 13 nov. 2023.

SANTOS, D. S. G.; SILVEIRA, V. T. Bullying homofóbico:: à ótica das práticas pedagógicas na Educação Física escolar. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 6–25, 2021. DOI: 10.9771/cgd.v7i2.36122. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/view/36122>. Acesso em: 12 nov. 2023.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, A. L. S.; ÁVILA, R. S. A Inserção De Homens Professores De Educação Física Na Educação Infantil: Entre O Medo Das Sexualidades Desviantes E A (Re)Produção De Um Currículo Heteronormativo. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 21, n. 2, 2018. DOI: 10.5216/rpp.v21i2.47421. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/feff/article/view/4742>. Acesso em: 12 nov. 2023.

SOUSA, E. S.; ALTMANN, H. Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar. **Cadernos Cedes**, v. 19, n. 48, p. 52-68, 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/WmskFBM75bMM855MZYhYvgb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 nov. 2023.